

---

*Mídia e homoerotismo: breves reflexões sobre as possibilidades de uma educação midiática*

*Media and homoeroticism: brief reflections about the possibilities of a mediatic education*

Anderson da Cruz Nunes\*  
Edgar Ávila Gandra\*\*  
Mario Marcello Neto\*\*\*

---

**Resumo:** Este artigo se propõe a estabelecer uma breve discussão sobre a mídia e suas formas de educação. Esta discussão se pauta sob uma nova ótica que não vê a mídia (e aqui nos referimos a veículos de comunicação em massa) como meras formadoras de opiniões, mas sim como reprodutoras de um discurso (reacionário ou não) no qual as pessoas (no que compete à recepção) podem aderir-lo ou resistir a ele, sendo esta uma via de mão dupla. Ainda nesta perspectiva, os *Estudos Culturais* e a análise de discurso se tornam importantíssimos para este artigo, principalmente quando nos propomos a problematizar o episódio midiático que foi feito, com relação ao casal homossexual Laci de Araújo e Fernando Alcântara, que eram membros das Forças Armadas do Brasil.

**Abstract:** This article aims for a brief discussion about the media and its various forms of education. This discussion works within a different way of viewing such media (as referred to the multiple types of communication) not just as a mere opinion former, but in fact as a reproduction of discourses (reactionary or not) in which people (the reception) can submit to it, or resist it, therefore, being a two way approach. Still in this perspective, cultural studies and discourse analysis become an very important aspect for this article, especially when we attempt to confront the contents created by the media in relation to the homosexual couple Laci de Araújo e Fernando Alcântara, both former members of the Armed Forces of Brazil.

---

\* Graduado em História e Pesquisador no Núcleo da Diversidade Sexual da Universidade Federal de Pelotas. *E-mail:* andersonnunespelotas@gmail.com

\*\*Professor-Doutor Adjunto na Universidade Federal de Pelotas. *E-mail:* edgargandra@yahoo.com.br

\*\*\*Mestrando em História na Universidade Federal de Pelotas. *E-mail:* mariomarceloneto@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** mídia; pós-modernidade; discurso; estudos culturais; homossexualidade.

**Keywords:** media; postmodernity; discourse; cultural studies; homosexuality.

---

## 1 A mídia ensina e/ou educa? (Para) Quem?

Iniciamos este trabalho propondo um debate sobre a mídia e as suas possibilidades de ensinar através dos seus discursos e das representações sobre o homoerotismo, vendo especificamente o caso dos sargentos Laci de Araújo e Fernando Alcântara. Para isso, recorreremos a uma breve reflexão sobre uma temática recente e polêmica, com relação ao homoerotismo e a mídia, que nos ajudará a compreender os meios de comunicação como fenômenos mediadores das relações sociais, veiculando discursos e constituindo saberes.

O beijo *gay*, em uma novela em horário nobre da televisão brasileira, era, há uma década, algo censurado e/ou ridicularizado; hoje, este tema é tratado com bastante seriedade. O que fez esta mudança? Isso se deve a diversos fatores, que vão desde as lutas do movimento LGBTTT, à participação do homossexual no mercado, tornando-se um consumidor importante de diversos produtos, ou ainda a criação de uma terceira via. Se, por um lado, os gêneros masculino e feminino têm os papéis divididos na sociedade, tentou-se, durante um tempo, estabelecer o mesmo para os *gays*, algo que não funcionou como um todo, mas deixou suas marcas. Um exemplo claro disso é a ligação deste público com a música Pop. (KELLNER, 2001).

Essa remodelação de discursos e essa incorporação de novos elementos são sim contraditórias (como é a própria pós-modernidade) e podem ensinar variados temas e formas. Dizer que uma revista das *Organizações Globo* segue fiel a seu editorial sem nunca se contradizer seria algo muito arriscado. Falamos isso devido a uma regra que corrompe os limites da moralidade, o que chamamos de capital financeiro. Com isso, pode-se ter diversos discursos se contradizendo dentro de um mesmo veículo de comunicação. Isso ficou ainda mais claro nas manifestações no Brasil, em junho de 2013, quando a mídia inicialmente os rechaçou por completo e, depois, passou a apoiar os “manifestantes pacíficos” e condenou os “vândalos” (ARANTES, 2014), modificando seu discurso, de acordo com seu interesse.

Compreender as relações que a mídia estabelece com seu expectador/leitor/ouvinte é um elemento crucial para compreendermos sua capacidade de ensinar e educar. Belloni (2005) aponta que a educação jamais se dará *apenas* (grifo nosso) na instituição escola e/ou família. Com isso, se reconhecem os variados espaços de compartilhamento de conhecimentos, que contribuem para a formação de identidades, valores, entre outros. Esses espaços são ocupados por diversos setores e por instituições. Um deles é a mídia, difusora e criadora de discursos que são aceitos e rejeitados, ao mesmo tempo em que ela também é afetada por essa contrapartida discursiva.

Por isso Kellner (2001) aponta que a saída para uma aprendizagem midiática eficiente é aprendermos a ler suas informações, entendermos seu funcionamento, criticarmos esta mídia para que esta vá se remodelando. Se pensarmos em uma visão um tanto quanto simplista ou simplificadora, veremos que, na década de 1970, o papel da mulher na televisão aberta brasileira era quase nulo, ao passo que hoje, após toda a luta dos movimentos sociais e as conquistas legais, vemos um protagonismo cada vez maior. Ainda nesta linha de pensamento, o autor afirma:

A cultura da mídia pode construir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca as coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, enfraquece representações positivas de raça e gênero. (KELLNER, 2001, p. 13).

Obviamente devemos estar atentos a essas mudanças e pensar que nenhuma mudança em nível cultural e identitário se dará rapidamente. Ainda mais em uma sociedade em que o discurso hegemônico da modernidade se faz muito presente, os espaços para a fragmentação não são, jamais, tão grandes assim. Para Kellner (2001, p. 15), é necessário ir “lendo em suas entrelinhas as fantasias, os temores, as esperanças e os desejos que ela articula”, referindo-se ao que considera ideal para um estudo de/sobre mídias, que transpasse o mundo acadêmico e chegue às diversas instâncias educacionais existentes.

Fechando aqui nossa perspectiva sobre a mídia e sua forma de educar, não temos como negar seu potencial educativo, assim como o de muitas outras instituições. Todavia, devemos estar atentos não só para o que ela educa, como também para o que ela está educando, como está fazendo isso e pensarmos em formas de modificar aquilo que não está sendo beneficiário à população em geral, e não somente às classes mais favorecidas. Sendo assim, o autor aqui trabalhado traz uma excelente reflexão sobre o que ele pretendia fazer em seu livro. Porém, mais que uma análise é um pedido, um clamor que o autor faz para que uma pedagogia midiática e um alfabetismo visual se concretizem. Ele diz que as finalidades desta pedagogia são:

possibilitar que os leitores e os cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes o instrumental de crítica que os ajude a evitar a manipulação da mídia e produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural e social. A pedagogia crítica da mídia desenvolve conceitos e análises que capacitam os leitores a dissecar criticamente as produções culturais da mídia e da cultura de consumo contemporâneas, ajudando-lhes a desvendar significados e efeitos sobre sua própria cultura e conferem-lhes, assim, poder sobre seu ambiente cultural. (KELLNER, 2001, p. 20).

Neste trabalho tentaremos fazer justamente este estudo que contemple essas questões, que vão desde os vários discursos, as formas possíveis de recepção, suas agendas e possibilidades de ação e, por fim, como estes operam. Procuramos aqui estabelecer um critério de análise sob o jugo das visões teóricas supracitadas, compreendendo a mídia em suas peculiaridades e propondo um olhar de dupla-via, de dominação e resistência, tentando estabelecer esta educação midiática proposta por Kellner. Sobre isso Belloni afirma:

O receptor crítico, ativo, inteligente, capaz de distanciar-se da mensagem midiática e exercer sobre ela seu poder de análise e crítica, de outro lado, a formação do comunicador, visando à qualificação plena do profissional não apenas competente, mas responsável, capaz de distanciar-se do imediatismo típico da mensagem midiática e de exercer sobre ela uma influência esclarecedora, realmente informativa – ética – escapando das armadilhas da manipulação fácil. (BELLONI, 2005, p. 45).

Basicamente uma relação de disputa entre a educação que a mídia se propõe a fazer e o projeto educacional que visa a compreender esse projeto de educação da mídia, fazendo com que o opressor (embora não hegemônico) seja desmascarado e assim mais suscetível à crítica, forçando a mudança de seu discurso, ou ainda criando novos discursos.

## Fontes e metodologia

Um dos grandes aprendizados de qualquer curso de graduação em História se refere à imparcialidade do pesquisador. Debates são propostos de forma a entendermos que não há um trabalho científico desprovido de quaisquer escolhas. Seja na triagem das fontes, nas teorias utilizadas, nas abordagens escolhidas ou ainda nos questionamentos realizados, há sempre algo a ser escolhido pelo historiador, de forma que a sua produção não escape a subjetividades.

Nesse sentido, sabemos que nossas fontes não dizem uma verdade em si, e que elas também são produzidas através de determinados interesses. Portanto, elas foram escolhidas de forma a analisar os vários interesses pelo caso, os diversos discursos relacionados nessa história e a construção de saberes sobre a homossexualidade.

Para atender nosso objetivo de fazer uma breve reflexão sobre mídia, educação e homossexualidade, escolhemos selecionar, como fonte de pesquisa, a revista *Época*, publicada no dia 2 de junho de 2008, que contou a história de Laci e Alcântara e a carta de princípios editoriais das Organizações Globo.

Assim, enquanto a carta editorial nos permite analisar o tempo histórico e os discursos sobre a homossexualidade pertencentes a este tempo, uma olhada cuidadosa na matéria publicada em *Época*, por sua vez, nos permite refletir sobre a produção de sentidos em seus leitores. Nesse sentido, Rosa Maria Bueno Fisher, falando sobre a Análise dos Discursos na visão foucaultiana, nos diz:

Não se trata de tomar, digamos, um conjunto de materiais (documentos impressos, imagens, depoimentos gravados etc.) sobre um problema identificado no presente (o racismo em livros didáticos de língua portuguesa, por exemplo) e apenas fazer um levantamento de exemplificações de imagens e vocabulário, com objetivo de demonstrar escolhas supostamente racistas dos organizadores das obras, num

período previamente estabelecido. Essa é, vale dizer, uma opção legítima de trabalho, já que o estudo do léxico e da semântica, em jogo certamente dará conta de vários elementos de significação, oferecidos aos sujeitos falantes de uma dada época, sobre o problema em foco. Mas a análise enunciativa de Foucault pretende mais – ou algo diferente disso: pretende chegar à complexidade das práticas discursivas e não discursivas no interior das quais se forma um dado objeto – no caso, o racismo entranhado nas instituições educacionais brasileiras, num certo tempo. (FISHER apud OLIVEIRA, 2013, p. 128).

## Contextos envolvidos

Nas últimas décadas assistimos, sem dúvidas, a inúmeras mudanças em relação à sexualidade e às identidades de gênero nos países ocidentais. Os movimentos sociais ligados às mulheres e aos homossexuais, pós-década de 1960, questionaram tradicionais padrões de masculinidade e feminilidade, bem como a heterossexualidade como a única manifestação sexual legítima.

Para Pedro Paulo Oliveira (2004), a pós-modernidade, um termo de origem no campo das artes e importado para as humanidades, significaria, antes de tudo, uma negação a qualquer concepção hierarquizada. Como, por exemplo, conceber a masculinidade como uma identidade superior à da feminilidade ou, ainda, a heterossexualidade concebida em seu sentido moderno, de uma sexualidade saudável onde as outras se situariam periféricamente no campo das sexualidades. Sobre a pós-modernidade e o pluralismo cultural, o autor diz que:

O impulso mundial do capitalismo, logo após a Segunda Grande Guerra, deu-se, sobretudo, a seu dinamismo tecnológico aliado à busca incessante de novos mercados. Avançando em todas as partes do globo, ele incorporou novos grupos étnicos e culturas que passaram a compor seu ampliado mercado de trabalho e consumo. Ao estender suas promessas e sonhos às novas clientelas, não hesitou em sacrificar e minar a racionalidade universalista ocidental, mantendo apenas o que: a onipotência da instituição do mercado. Nesse contexto, uma variedade de culturas, dialetos e formas de fazer as coisas, se constituíram numa miscelânea de perspectivas e possibilidades que, ao lado do dinamismo consumista exacerbado pelo mercado, compõe o pano de fundo de onde emerge a sociedade pós-moderna. (OLIVEIRA, 2004, p. 86).

Contudo, é em meio a essas transformações que importantes lutas por direitos, por respeito e dignidade, começam a surgir e se intensificar a partir dos anos 1960. O movimento feminista e o movimento *gay* e lésbico passam a questionar os padrões normativos, os binarismos do pensamento ocidental, tanto no que se refere à sexualidade quanto no que diz respeito aos gêneros. Essa “onda” de manifestações sobre o corpo, a sexualidade e as identidades não ameaçava o sistema organizacional e econômico vigente. Para Oliveira:

As políticas da identidade, como o feminismo, o movimento gay e todas aquelas que visam favorecer os mais diversos grupos étnicos, vicejaram nesse caldo cultural pós moderno, beneficiadas pela contínua expansão do capitalismo que aglutinava em torno do mercado um número cada vez maior de consumidores e trabalhadores recrutados não necessariamente de acordo com as características do agente hegemônico, ou seja, macho branco, de ascendência europeia e heterossexual. Essas políticas puderam se manifestar sem necessariamente defender nenhuma bandeira anticapitalista, o que as tornou mais simpáticas aos detentores do poder econômico. Pelo menos não suscitaram reações mais enérgicas dos setores mais poderosos, exatamente os segmentos que detêm a supremacia econômica. (OLIVEIRA, 2004, p. 92-93).

Em *O desafio historiográfico*, José Carlos Reis fala em duas fases do pós-modernismo. A primeira, seria o pensamento estruturalista, que acabaria por não romper, por completo e/ou significativamente com o projeto da modernidade, mas sim “introduzir na razão o que a racionalização anterior deixara de lado como irracional”. (REIS, 2010, p. 111). O segundo momento seria o pós- estruturalismo, que radicalizaria as ideias estruturalistas. Para o autor: “A pós-modernidade desconstrói, deslegitima, deslembra, desmemoriza o discurso da “razão que governa o mundo”. O conhecimento histórico pós- estruturalista aborda um mundo humano parcial, limitado, descentrado, em migalhas”. (Reis, 2010, p. 111).

Seria impossível abarcar a totalidade da conjuntura que as sociedades pós-modernas apresentam, quando analisamos as relações sexuais e de gênero, antes ser essa – a pluralidade – uma das características mais marcante desse período. Porém, com essas novas perspectivas culturais, cada vez mais valorizando uma sociedade diversa, múltipla, algumas

incertezas podem surgir, para aqueles que se apoiam em explicações e modelos universais e fixos.

Nossas fontes são produzidas dentro de um contexto pós-moderno; então, antes de analisarmos como ela trata da homossexualidade no caso estudado, é preciso refletir sobre o período e a forma como o periódico tende a construir a informação.

A *Época* é uma revista semanal, elaborada e vendida desde o ano de 1998 e, a exemplo da *Veja* e da *IstoÉ*, a *Época* tem por característica ser um folhetim de variedades, com matérias que vão de saúde e economia à política, comportamento e artes.

A revista pertence às *Organizações Globo*, um aglomerado de veículos de informação (entre eles: a *Editora Globo*, o *Jornal O Globo*, a *Rede Globo de Televisão* e a *Revista Época*). Essa empresa criou um documento que apresentava um conjunto de normas e compromissos a serem compreendidos, seguidos e efetivamente executados, ao menos no papel, é claro.

Esse documento intitulado “Princípios editoriais das Organizações Globo”,<sup>1</sup> foi publicado no dia 6 de agosto de 2011, como percebemos, posterior ao caso estudado, o que não significa dizer que este não possa servir de reflexão a esta pesquisa, visto não datar desse dia uma postura frente ao tema de uma “gigante da informação” do Brasil. O que ocorre, quando na publicação, é apenas uma divulgação, formalização, organização, em forma de texto, para que se tenham registrados princípios que norteiem todos os veículos da referida empresa, de forma organizada e objetiva.

Desde logo, é preciso esclarecer que não se tratou de elaborar um manual de redação. O que se pretendeu foi explicitar o que é imprescindível ao exercício, com integridade, da prática jornalística, para que, a partir dessa base, os veículos das Organizações Globo possam atualizar ou construir os seus manuais, consideradas as especificidades de cada um. O trabalho tem o preâmbulo “Breve definição de jornalismo” e três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; c) Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo.<sup>2</sup>

Seria difícil um jornal impresso, do final do século XIX ou da primeira metade do século XX, apresentar uma preocupação com o respeito às diferentes orientações sexuais, seja no tocante à diversidade das pessoas que compõem o órgão produtor das notícias, seja no que se refere às diferentes expressões sexuais do público que consome o produto ou, ainda, uma atenção especial ao teor da informação.

Na seção I dos Princípios Editoriais das Organizações Globo, em referência aos atributos da informação de qualidade, dois itens podem ser aqui exemplificados:

h) É imperativo que não haja filtros na composição das redações. Quanto mais diversa for uma redação – em termos de gostos, crenças, tendências políticas, orientação sexual, origens social e geográfica – mais isenta será a escolha dos assuntos a serem cobertos, discutidos e analisados, e mais abrangente a acolhida dos pontos de vista em torno deles. Esse objetivo não se alcança estabelecendo-se cotas, mas simplesmente evitando-se filtros. Os jornalistas devem ser escolhidos entre os mais capazes em suas áreas e funções, entre aqueles que têm a democracia e a liberdade de expressão como valores absolutos e universais;

k) As Organizações Globo repudiam todas as formas de preconceito, e seus veículos devem se esforçar para assim ser percebidos [...].<sup>3</sup>

Sendo assim, o que buscamos mostrar é que nossas fontes são produzidas por um grupo que, no discurso, visa a valorizar as mais diversas formas de viver a sexualidade humana. Isso é possível devido a um “espírito do nosso tempo”. Em outras palavras, as Organizações Globo fazem parte de um processo histórico, cultural e econômico, que tem na pós-modernidade outras formas de ver, entender e vivenciar a sexualidade, bem como se perceber, se identificar, dessa ou daquela forma.

No endereço eletrônico da revista *Época*, eles disponibilizam aos leitores seus objetivos e princípios. Apresentam sua missão como: “Fazer um jornalismo que capte o espírito do nosso tempo e ajude a construir o amanhã, converta informação em conhecimento, transforme a confusão em clareza”.<sup>4</sup>

É esse “espírito do tempo” que faz com que o respeito às diferentes orientações sexuais e que influenciam também em outros modelos de masculinidades e feminilidades estejam, por exemplo, em documentos de grandes empresas, como no caso das Organizações Globo.

### A construção de saberes

A mídia também educa, mas os sentidos por ela produzidos não são únicos. Os sujeitos, conforme suas experiências e subjetividades, interpretam essa ou aquela informação de forma heterogênea. Nesse sentido, nossa análise é pensar em interpretações possíveis acerca da abordagem da *Época* sobre o caso de Laci de Araújo e Fernando Alcântara.

Assim, nossa reflexão se baseia em torno de três aspectos que consideramos importantes no tocante à forma escolhida pela revista, para dar visibilidade ao caso: a capa, a homofobia e a perspectiva histórica.

A capa da revista estampa uma foto do casal, Alcântara à frente e Laci nas costas do companheiro com a mão repousada em seu ombro, ambos uniformizados (camisa tradicional do Exército brasileiro e boina). Na descrição, encontra-se: Exclusivo: Eles são do Exército. Eles são parceiros. Eles são *gays*. A história do primeiro casal de militares brasileiros a assumir sua homossexualidade.

A revista *Época* é uma empresa, as edições semanais são seus produtos e tudo que é pensado para a venda pressupõe uma propaganda junto ao consumidor, de forma que o produto em questão tenha uma atratividade perante a concorrência do mercado. Desse modo, a polêmica, o escândalo e o diferente formam uma tríade de sucesso nesse negócio.

Dessa forma, a revista aposta num tema, que nas últimas décadas, vem sendo fortemente debatido, e utiliza símbolos que “provocam” um sentido de transgressão aos costumes da cultura brasileira. O uso da farda pode ser pensado como uma estratégia para chamar a atenção para o que não temos por costume, ou seja, ver dois homens militares, posando para uma foto com uma postura que pressupõe um relacionamento entre ambos. Ao ler a chamada, esse relacionamento fica explícito ao entendimento do leitor.

Figura 1 – Capa da revista *Época*



Fonte: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/04/epoca-quer-resposta-do-brasil-sobre-suposta-tortura-militares-gays-no-df.html>>.

Contudo, pode-se interpretar que a homossexualidade está presente em todos os setores da sociedade, a história do casal vem comprovar que há diversidade sexual dentro daqueles espaços construídos socialmente como “lugar de homem”. De outro lado, podemos entender que essa relação homoafetiva não se exerce com tranquilidade, sendo a própria notícia a evidência de que existe resistência às relações homoafetivas.

A homofobia<sup>5</sup> é central no entendimento da matéria publicada pela *Época*. Primeiramente, a história do casal só virou notícia porque ambos os sargentos denunciavam as perseguições de caráter homofóbico das autoridades ligadas ao Exército. Segundo, porque, durante as sete páginas dedicadas a essa reportagem, encontramos um texto simpático à causa

LGBT na medida em que, mesmo o jornalista tendo tentado expor ambos os lados, o periódico passa a mensagem de que a homossexualidade deve ser respeitada e esse episódio deve servir de exemplo, para que histórias como essa não se repitam. Isso se comprova, por exemplo, nas últimas páginas da reportagem em que os autores dizem que: “A atitude corajosa dos sargentos Fernando e Laci é um primeiro passo para tentar essa cultura no Brasil”. (ÉPOCA, 2008, p. 116).

Assim, os colunistas entendem que a cultura homofóbica no País deve dar lugar a uma sociedade que respeite as diferentes manifestações da sexualidade. É preciso deixar claro que a homofobia pode se exercer tanto de forma individual quanto coletiva, e nesse caso falamos de uma instituição que é composta por pessoas e que existe dentro de uma historicidade e de uma cultura, que é alicerçada ainda no patriarcado<sup>6</sup> e no machismo.<sup>7</sup>

Por último, nossa análise se debruça sobre a perspectiva histórica da homossexualidade em *Época*, de acordo com a reportagem escrita pelos jornalistas Flávio Machado e Marcelo Zorzaneli, sobre a qual propomos três apartes. O primeiro, intitulado “Abrindo o armário”, na página 113, mostra uma cronologia que vai desde o ano de 1969, com a Resistência de Stonewall<sup>8</sup> até o ano de 2007, com a Parada Gay de São Paulo, que no ano em questão levou dois milhões de pessoas à Avenida Paulista.

Entendemos que a revista passa o sentido de ganho das causas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), nas últimas décadas. Da mesma forma, podemos refletir que o caso dos sargentos pode estar destoando dentro de uma perspectiva histórica que, desde a segunda metade do século XX, vem caminhado para maior tolerância ou aceitação da homossexualidade nos países ocidentais.

A segunda interpelação, situada na página 114, sob o título “Diversidades nas tropas”, apresenta um estudo de como dez países lidam com a homossexualidade dentro das Forças Armadas. De forma geral, essas análises centram na abertura de vários países como a Bélgica, a Coreia do Sul e a Alemanha, em relação à presença de homossexuais nas Forças Armadas. Assim, pretende-se mostrar que vêm ocorrendo em vários lugares mudanças em favor dos direitos dos(as) homossexuais.

Por fim, na página 116, sob o título “Eles fizeram História”, a revista registra alguns personagens famosos da História que, além de terem se relacionado com pessoas do mesmo sexo, eram também ligados às

atividades militares. São eles: Alcebíades,<sup>9</sup> Alexandre (O Grande),<sup>10</sup> Júlio César<sup>11</sup> e Ernst Röhm.<sup>12</sup> Nessa perspectiva, cria-se o entendimento de que a homossexualidade nada fala sobre o desempenho das atividades militares; ou seja, um homem ou uma mulher homossexual podem integrar as Forças Armadas, sem que sua orientação sexual interfira na qualidade de suas funções. Dessa forma, percebemos que, se de um lado a mídia pode ser responsável por representar e difundir discursos e saberes preconceituosos, ela também é capaz de ser uma ferramenta importante a um novo olhar sobre questões como a homossexualidade.

### À guisa de conclusão

Para concluir, é preciso destacar que entendemos que a revista *Época* produziu a reportagem sobre sargentos do Exército brasileiro, Laci e Alcântara, em consonância com o tempo histórico a que ela pertence. Além disso, o periódico reproduz e visibiliza aqueles discursos que emergiram no pós-década de 1960, quando os movimentos sociais e as pesquisas acadêmicas questionavam os padrões da sexualidade legítima construída na modernidade, após as revoluções burguesas na Europa.

Na mídia circulam diversos discursos, desde os considerados homofóbicos até os vistos como os radicais progressistas. No entanto, no caso e na revista escolhida pelo nosso trabalho, analisamos uma tentativa de denunciar preconceitos existentes no Exército brasileiro. Nessa perspectiva, o conteúdo do periódico se alinha ao discurso que só foi possível de existir na pós-modernidade sobre as sexualidades e o gênero, na medida em que defende e tenta provar que não há uma forma única e certa de ser um militar ou ser um homem, tampouco acredita que haja um antagonismo entre as sexualidades não hegemônicas e as funções militares.

A revista *Época*, um periódico de abrangência nacional, que é também um produto a ser consumido, insere-se em um tempo em que os direitos de LGBTs passam a ser conquistados. Da mesma forma, o “politicamente correto” entra em cena e modela os enunciados públicos, estabelecendo a relação dialética entre progresso e conservadorismo observada por Kellner (2001).

Nesse sentido, a revista prolifera os novos discursos do seu tempo, sem, é claro, deixar de ouvir vozes discordantes ou, ainda, sem deixar de ser, muitas vezes, contraditória. Mas, nos parece claro que as mudanças

são visíveis, e os enunciados presentes nas revistas pertencem aos diferentes discursos das diferentes esferas. Quais são estes discursos e estas esferas, enunciados antes, e não pormenorizados? Um novo discurso emerge, e mesmo ante uma ira conservadora, hoje, como provou a reportagem da *Época* analisada, há espaços para o questionamento dos discursos hegemônicos.

## Notas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>> Acesso em: 7 jan. 2014.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://epoca.globo.com//tempo/noticia/2013/07/nossa-missao.html>>. Acesso em: 8 jan. 2014.

<sup>5</sup> Compartilhamos com Borrillo (2010) a ideia de que a homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, entre outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual. (p. 17).

<sup>6</sup> Sistema social de dominação masculina nas relações de poder entres os sexos.

<sup>7</sup> Entendido aqui como um conjunto de ideias e práticas que colocam o homem e o masculino na ponta da hierarquia entre os sexos e os gêneros.

<sup>8</sup> A rebelião de Stonewall foi um conflito ocorrido no bar Stonewall Inn em New York, em 1969, onde os frequentadores do lugar protagonizaram dias de conflito contra as investidas abusivas da polícia. Foi um marco para o posterior crescimento do movimento *gay* estadunidense.

<sup>9</sup> General e político ateniense (450 a.C. – 404 a.C.).

<sup>10</sup> Conquistador, príncipe e rei da Macedônia (356 a. C. – 323 a.C.).

<sup>11</sup> Militar e político romano (100 a.C. – 44 a.C.).

<sup>12</sup> Oficial alemão Nazista (1887 d.C. – 1934 d.C.).

## Referências

---

ARANTES, Paulo. *Novo tempo do mundo*. São Paulo: Bontempo, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

### Fontes ou Documentação

*ÉPOCA*. São Paulo: Ed Globo, n. 524, jun. 2008.

ORGANIZAÇÕES GLOBO. Princípios editoriais das Organizações Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

